

PORTVGALIA

NOVA SÉRIE, VOLUME XXVI
SEPARATA



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2005

Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (Murça). Contributo para o conhecimento da alimentação no Calcolítico e na Idade do Ferro no Nordeste português

João Luís Cardoso¹

ABSTRACT

We present the results of the study of the faunal remains found on the excavation site of Crasto of Palheiros, dated from the Calcolithic and Iron Age. Both occupations showed no significant differences. By decreasing order of importance, the animals consumed were cows, followed by goats, sheep and finally pigs.

1. BREVE ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO-CULTURAL DAS AMOSTRAS

O Crasto de Palheiros, no concelho de Murça (Trás-os-Montes), implanta-se num alto rochoso constituído por quartzitos do Ordovícico, sendo parcialmente envolvido por duas plataformas artificiais ocupadas em dois períodos bem diferenciados: o Calcolítico e a Idade do Ferro. A cronologia das duas fases mais antigas, ambas do Calcolítico, situa-se entre 2800 e 2200 cal. BC; a ocupação doméstica verificada na Plataforma Inferior, por volta de meados do III milénio BC sofreu profunda remodelação, enquanto a Plataforma Superior foi a única que forneceu materiais campaniformes.

O Crasto de Palheiros constituía, deste modo, mercê da sua implantação, um local de evidente importância, no quadro do povoamento calcolítico regional.

A ocupação da Idade do Ferro, por seu turno, desenvolve-se entre meados do século V BC e o século I AD; o abandono definitivo do povoado verificou-se antes de meados do século II AD.

No total, a extensão máxima do sítio arqueológico, abarcou 2,5 ha (SANCHES, 2000/2001; SANCHES, 2003; SANCHES, 2004).

2. AS FAUNAS DO CALCOLÍTICO

2.1. *Bos taurus* (boi doméstico)

O boi doméstico é, tanto em número de restos, como, por maioria de razão, em quantidade de carne consumida, a espécie dominante.

¹ Professor Catedrático. Universidade Aberta (Lisboa). arqueolo@univ-ab.pt

Estão presentes diversas partes do esqueleto notando-se, contudo, a falta de elementos vertebrais, bem como de costelas; ao contrário, são frequentes peças do esqueleto apendicular e dentes soltos, estes últimos, naturalmente, por constituírem elementos mais resistentes à destruição química devida aos agressivos solos existentes no local.

No conjunto, identificaram-se 35 peças atribuíveis a boi doméstico. A maioria (19 exemplares), corresponde a esquirolas de ossos longos, por vezes com evidentes marcas de fogo, que se traduziram por modificações cromáticas, tanto à superfície como no interior: quando muito intensas, tais marcas correspondem a superfícies cinzento-esbranquiçadas e a interiores anegrados. A atribuição das referidas esquirolas a boi doméstico baseou-se essencialmente na ausência de restos de outras espécies de tamanho compatível. De notar que a sujeição ao calor aumentou a resistência química destes restos, por mineralização, com eliminação da matéria orgânica, favorecendo deste modo a sua conservação, face aos restantes. Isto significa que poderiam existir originalmente muitas outras esquirolas que, por não terem sido sujeitas à referida acção, não se conservaram.

O segundo grupo mais numeroso de restos atribuível a boi doméstico corresponde a elementos dentários soltos, cuja maior resistência explica a conservação diferencial face a outros elementos do esqueleto. No entanto, a agressividade dos solos atacou, na maior parte dos casos, a dentina e o cemento dentários, tendo como consequência a separação das placas e dobras de esmalte inicialmente unidas, o que tornou difícil qualquer classificação anatômica de pormenor. Estão presentes 12 exemplares da dentição jugal superior e inferior em diversos estádios de desgaste, incluindo alguns germes dentários, o que revela o abate de animais de idades variadas, incluindo juvenis. De notar, contudo, que não ocorrem dentes com forte desgaste, o que prova que os animais eram abatidos antes de atingirem a senilidade. Tal facto é compatível com a utilização como força motriz (carros, arados), além da produção de carne e do leite.

Os restantes exemplares correspondem a peças ósseas anatomicamente determinadas: um fragmento craniano; um osso cárpico; e um astrágalo. Este último, revela indivíduo de pequena corpulência, pouco maior que a de veado, como é usual em contextos pré-históricos.

2.2. *Ovis aries*/*Capra hircus* (Ovelha/Cabra)

Esta designação engloba indistintamente, por não ser viável a desejável distinção, os restos dos dois géneros e espécies. Com efeito, o material estudado pertencente a qualquer uma (ou a ambas) as espécies referidas, é escasso e apresenta-se em estado muito fragmentário, facto em parte explicado pela já aludida acidez dos solos, que não permitiu conservação adequada.

No total, foram atribuídos a este grupo 21 restos identificáveis anatomicamente e taxonomicamente, além de várias esquirolas, pertencentes a ossos longos de pequenas dimensões, em número indeterminado. Tal como o verificado no grupo anterior, o conjunto é essencialmente constituído por esquirolas de ossos longos, frequentemente com marcas de terem sido sujeitos a calor mais ou menos intenso, o que favoreceu, como se referiu, a respectiva conservação.

Os dentes, inteiros ou fragmentados, estão representados por 9 exemplares. Correspondem a dentes jugais superiores e inferiores, com desgaste muito variável, de fraco a forte.

Por último, os segmentos anatomicamente determináveis pertencem a omoplata, costelas, sacro, humero, rádio e uma primeira falange. Tal como já observado no grupo anterior, faltam os elementos vertebrais.

2.3. *Sus domesticus*/*Sus scrofa* (Porco doméstico/Javali)

Os restos de suídeos escasseiam; apenas se identificaram um germe dentário correspondente a um primeiro molar superior, e um último dente decidual superior, cujo tamanho indica

javali, além de uma primeira falange lateral, que pertencem a indivíduo juvenil, doméstico ou selvagem.

3. AS FAUNAS DA IDADE DO FERRO

Trata-se do conjunto mais numeroso, abarcando uma cronologia entre o séc. VI a.C. e o século I d.C. Contudo, a maioria dos materiais não ultrapassa o séc. I a.C.

3.1. *Bos taurus* (Boi doméstico)

Representado por 16 dentes ou fragmentos de dentes jugais (sempre molares), mas com estados de desgaste muito distintos: germe, desgaste fraco, médio e forte, o que indica idades de abate também muito diversas, de acordo com critérios que hoje nos escapam. Não espanta esta predominância de dentes face a outros elementos do esqueleto, dada a sua maior resistência, física e química, já atrás evocada.

O segundo conjunto é o das esquirolas de ossos longos, algumas das quais poderiam ser incluídas em outro grupo faunístico de corpulência idêntica, como o veado, caso esta espécie estivesse representada por elementos claramente determinados, o que não sucede. Entre as onze esquirolas identificadas de ossos longos, apenas três foram reportadas a segmentos anatómicos conhecidos: trata-se, invariavelmente, de metápodos.

O terceiro conjunto é o dos ossos anatomicamente identificados, com poucas transformações, representado por uma primeira falange incompleta.

3.2. *Ovis aries*/*Capra hircus* (Ovelha/Cabra)

A este grupo pertencem 5 fragmentos de dentes jugais, muito fragmentados e incompletos, nalguns casos reduzidos às muralhas externa ou interna de esmalte, bem como numerosas esquirolas de ossos longos inclassificáveis, conservadas, na maioria dos casos, por terem sofrido mineralização parcial pela acção do calor. Os únicos elementos ósseos anatomicamente definidos correspondem a uma cabeça de fémur e a um astrágalo, ambos de pequenas dimensões.

3.3. *Sus domesticus*/*Sus scrofa* (Porco doméstico/Javali)

Dois germes incompletos, respectivamente de um terceiro molar superior e de outro inferior, completam o conjunto da Idade do Ferro.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os resultados obtidos do estudo arqueozoológico dos dois conjuntos cultural e cronologicamente representados no Crasto de Palheiros podem apresentar-se, resumidamente, no seguinte Quadro:

	Calcolítico	Idade do Ferro
<i>Bos taurus</i>		
Dentes	12	16
Ossos ou fragmentos determináveis	3	4
Esquírolas indetermináveis	19	9
<i>Ovis/Capra</i>		
Dentes	9	5
Ossos ou fragmentos determináveis	12	2
Esquírolas indetermináveis	nº. ind.	nº. ind.
<i>Sus sp.</i>		
Dentes	2	2
Ossos ou fragmentos determináveis	1	–
Esquírolas indetermináveis	–	–

Quadro 1 – Restos faunísticos identificados no Crasto de Palheiros

Tanto no conjunto calcolítico, como no da Idade do Ferro, é clara a dominância do boi doméstico na economia alimentar das sucessivas populações que ocuparam o local.

Os escassos elementos disponíveis sugerem animais abatidos em diversos estádios etários, desde os juvenis – apenas para consumo de carne – até aos adultos a caminho da senilidade, quando já não se justificava a sua manutenção como força motriz ou produção de leite. O tamanho – apenas evidenciado por uma peça óssea, um astrágalo, a par da pequenez dos dentes jugais – sugere indivíduos de pequenas dimensões. A presença de restos relacionados com partes da carcaça com escasso valor alimentar, como é o caso dos dentes, parece indicar que o abate, ou pelo menos o desmanche, era efectuado na área do povoado. É intrigante, todavia, a ausência de ossos relacionados com as partes de maior interesse alimentar, como é o caso de elementos do esqueleto axial; a ausência de vértebras, extensiva também ao grupo dos ovinos/caprinos, parece encontrar a sua melhor explicação na menor resistência destes elementos, mais do que na hipótese de serem as carcaças destes animais desmanchadas em áreas fora do povoado, alternativa que é contrariada pelo alto interesse alimentar das correspondentes partes moles, consumidas intramuros.

O segundo grupo mais abundante em ambos os conjuntos considerados é o dos ovinos/caprinos. Trata-se, tendo presentes os tamanhos das peças ósseas, de indivíduos também de muito pequenas dimensões e de diferentes estádios etários. Os restos encontram-se muito fragmentados, reduzidos a esquírolas, pertencentes na maioria a ossos longos inclassificáveis, denunciando intensa intervenção antrópica, e com frequentes marcas de intenso calor (colorações que atingem o cinzento-esbranquiçado); tal acção, contudo, está na origem da conservação destes elementos, assim parcialmente mineralizados e tornados, por esta via, mais resistentes à agressividade química dos solos, de natureza ácida.

Por último, o grupo dos suínos encontra-se representado, tanto no Calcolítico como na Idade do Ferro, por fragmentos de dentes jugais com escasso ou nenhum desgaste, que tanto podem corresponder a javali como a porco doméstico, sendo mais provável este último, pelas pequenas dimensões dos exemplares; contudo, o único exemplar dentário completo, um dente decidual superior (D\4) desprovido de desgaste, é nitidamente maior que exemplar homólogo pertencente a indivíduo selvagem do sexo feminino, oriundo da Tapada de Mafra: tratar-se-ia, deste modo, da única evidência segura da actividade cinegética praticada pelos habitantes do povoado. É de referir que o javali/porco doméstico ocupa o segundo lugar, em termos de carne consumida, no contexto calcolítico doméstico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), o que denuncia a prática arreigada, desde o Calcolítico, do consumo de suídeos, selvagens ou domésticos (CARDOSO & COSTA, 2004).

No conjunto, a dominância do boi doméstico, a par, eventualmente, do porco doméstico, indica evidente sedentarização das populações do Crasto de Palheiros, tanto no Calcolítico como

na Idade do Ferro. Nos terrenos adjacentes do povoado, seriam também criados rebanhos de ovelhas e/ou cabras, mais provavelmente mistos, que completavam a componente proteica da alimentação (carne e leite).

Importa sublinhar a ausência quase absoluta da componente cinegética: não foram identificados restos de veado, espécie que, contudo, deveria estar presente na região. Talvez os habitantes do Crasto não tivessem na caça uma prática frequente, à semelhança de outras populações calcolíticas ou castrejas do norte de Portugal; tal situação foi, com efeito, também verificada – ainda que com reservas dada a escassez da amostragem – no castro do Coto da Pena (Caminha), em contexto do Bronze Final e na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim), em contexto de cronologia ulterior ao século III a.C.: em ambos os casos, estavam presentes exclusivamente os grandes bovídeos e os ovino-caprinos (e, acessoriamente, os suídeos), tal como no caso em apreço (CARDOSO, 1996). A irrelevância do contributo da caça também se observa no conjunto faunístico calcolítico do sítio doméstico de Bitarados (Esposende) onde, contudo, é nítida, ao contrário do verificado no Crasto de Palheiros, a dominância do conjunto constituído pelos ovinos/caprinos sobre os bovinos, sem que se possam invocar condições adversas à prática da bovinicultura, a qual seria até incentivada pela implantação da estação no sopé de uma encosta suave e próxima de linhas de água.

Estes resultados, por pouco representativos que possam ser, afiguram-se de interesse, por serem até ao presente quase os únicos para a área geográfica e a época em apreço, justificando-se assim comparações com a região galega. Nesta, foram recentemente estudadas as associações de mamíferos de duas grutas, Pala da Vella (Ourense) e Tres Ventanas (León) (FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ & PÉREZ ORTIZ, no prelo).

Na primeira, ao Nível 2, correspondente ao Neolítico Final/Calcolítico, corresponde a seguinte associação, no que às espécies com maior interesse alimentar diz respeito:

Boi doméstico – 4 restos identificados (4,8 %)
Ovelha – 6 restos identificados
Ovelha/Cabra – 52 restos identificados (69,9 %)
Veado – 14 restos identificados (16,9 %).

No Nível 1, atribuído ao Bronze Antigo, a distribuição observada é a seguinte:

Boi – 4 restos identificados (5,1 %)
Ovelha – 3 restos identificados
Ovelha/Cabra – 155 restos identificados (75,5 %)
Cabra – 4 restos identificados
Veado – 5 restos identificados (6,2 %)
Porco doméstico – 25 restos identificados (11,5 %).

Os restos recuperados na gruta de Tres Ventanas, pertencentes ao Calcolítico pré-campaniforme, denotam a seguinte distribuição:

Boi doméstico – 57 restos identificados (26 %)
Ovelha – 4 restos identificados
Ovelha/Cabra – 80 restos identificados (39,7 %)
Cabra – 3 restos identificados
Veado – 27 restos identificados (12,3 %)
Corço – 22 restos identificados (10,0 %)
Porco doméstico – 19 restos identificados (8,7 %)
Javali – 2 restos identificados (0,9 %).

Ao contrário das anteriores, esta distribuição evidencia nítida dominância do consumo do boi doméstico, em detrimento dos ovinos/caprinos. Com efeito, considerando o peso da carne consumida, os autores do referido estudo indicam a percentagem de 58,0 % para o primeiro, contra apenas 15,9 % para o segundo conjunto, enquanto o veado ocupa o terceiro lugar, com 15,6 % da carne consumida. Este grupo faunístico exhibe maior diversidade que os anteriores, com a presença do corço e do javali.

As diferenças apontadas foram interpretadas como consequência das diferentes condições vigentes nas regiões envolventes de cada um dos casos. Assim, enquanto que na região da gruta de Pala da Vella se desenvolveriam pastagens, devido às condições dominantes, propícias à bovinicultura, já na região da gruta de Tres Ventanas o relevo, mais acidentado, teria determinado o predomínio dos rebanhos de ovinos/caprinos. Tal explicação é concordante com a presença do corço, espécie que, já então teria sido remetida para domínios mais montanhosos, ao contrário dos seus domínios primitivos de distribuição (relembre-se a ocorrência da espécie nas campinas ribatejanas da região de Muge, no decurso do Mesolítico).

Importa, ainda, ter em consideração outros conjuntos oriundos de estações de idêntica cronologia, do norte do País, embora situadas já na região transmontana. Além do estudo das faunas de grandes mamíferos recuperadas no povoado fortificado calcolítico do Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), já atrás mencionado, o qual evidenciou uma economia alimentar proteica baseada no consumo de bovinos e de suínos (domésticos e/ou selvagens), detendo os ovinos/caprinos uma pequena importância (apenas 4 restos identificados), extensível também ao veado, representado por somente um resto, importa referir os resultados obtidos nos povoados da Vinha da Soutilha e da Pastoria, ambos do concelho de Chaves (LOPES, in JORGE, 1986).

Na Vinha da Soutilha, a associação é muito pobre, tendo sido apenas identificados 8 restos de ovelha/cabra e 1, com incerteza, de suídeo, para além de Lagomorfos, Roedores e Aves. A nítida dominância do grupo dos ovinos/caprinos está, pois, em sintonia com a realidade observada em Bitarados; tal como aqui, os restos apresentam-se muito fragmentados, reduzidos via de regra a esquirolas, embora ocorram fragmentos de peças dentárias; pontualmente, é referida também a acção do fogo.

O conjunto do povoado da Pastoria é mais numeroso, mas, no tocante às espécies domésticas, continua a verificar-se apenas a presença dominante de ovinos, caprinos e ovinos/caprinos. Com efeito, foi possível, tal como no caso dos conjuntos faunísticos galegos, efectuar a diferenciação entre as duas espécies em causa; mas, no caso português, a autora baseou-se em critérios que merecem sérias reservas: é o caso da diferenciação dos corpos vertebrais e das costelas, bem como da 1^a. 2^a. falanges, a qual não é, evidentemente, possível, com peças soltas e escassas, para mais apresentando-se por vezes incompletas. Deste modo, considera-se mais adequado tratar os ovinos e os caprinos como apenas um único lote, representado por 25 peças, contra 36 de suídeo. É de estranhar, contudo, que sejam deste último conjunto as 17 omoplatas, mais ou menos fragmentadas identificadas na estação, motivo que conduz a encarar a credibilidade destes resultados com a máxima cautela.

Verifica-se, deste modo, existir uma assinalável diversidade de situações, no concernente à maior ou menor importância da presença do boi doméstico, atingindo a sua máxima expressão em Tres Ventanas e no Crasto de Palheiros, a que se poderia juntar o Castanheiro do Vento, implantado em região com características semelhantes, onde a presença dos bovinos é igualmente dominante, em termos de potencial carne consumida; do atrás exposto, verifica-se que estas incidências não se podem explicar por condições ambientais especialmente propícias à presença da espécie: com efeito, se, no caso da gruta galega, foi invocada tal razão, já a mesma não pode ser valorizada no sítio em apreço, nem no Castanheiro do Vento, da mesma forma que existem outras situações, como Bitarados que, apesar de favoráveis à referida presença, esta não se veri-

fica. Crê-se, pois, que a explicação para a maior ou menor incidência do boi doméstico não pode ser dissociada da natureza e funcionalidade desempenhada por cada estação onde ocorre, independentemente das condições naturais, propícias ou não, prevalecentes na região envolvente.

No caso do Crasto de Palheiros, a composição qualitativa e quantitativa dos dois conjuntos faunísticos considerados é semelhante. Tal situação indica a manutenção, nos seus traços essenciais, do mesmo tipo de economia alimentar desde o Calcolítico ao final da Idade do Ferro.

Como se disse, a evidente dominância da criação de gado bovino, em termos de peso, contrastando com a muito menos importante presença de ovinos/caprinos, pode afigurar-se algo desajustada face às condições naturais existentes na região em ambas as épocas: com efeito, estas afiguram-se mais propícias à criação de gado ovino/ caprino do que à de gado bovino, aspecto que os resultados dos estudos paleoflorísticos efectuados corroboram (FIGUEIRAL, SANCHES & CARDOSO, no prelo). Esta contradição pode residir no papel social de destaque que os grandes bovinos desempenhariam na economia das comunidades sediadas no Crasto de Palheiros, tanto na agricultura como no transporte de pessoas e de mercadorias, incluindo, naturalmente, o leite e os produtos dele derivados, incluindo o contributo cárnico.

A importância do gado bovino no quotidiano das populações transcendia-se na carga simbólica que lhe era atribuída, bem evidenciada em diversos povoados calcolíticos: enterramento ritual de pelo menos um bovino no povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), interpretado como um ritual fundacional (PAÇO, 1943); deposição ritual de mandíbula de boi doméstico no fundo de um silo escavado na rocha no povoado do Carrascal (Oeiras, escavações inéditas do signatário); ou, no próprio Crasto de Palheiros, de deposição intencional de dentes jugais em estruturas encerradas com pedras (informação de Maria de Jesus Sanches), para já não falar de santuários rupestres, como o do Escoural, onde as representações de bucrânios assumem papel esmagador (GOMES *et al.*, 1983). Aliás, a abundância da espécie no Neolítico Final de Leceia (Oeiras), foi associada à importância do boi como animal de tracção, mais do que de fornecedor de carne (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1996).

A presença de grandes bovinos e os testemunhos da sua ritualização ocorre, certamente, apenas nos povoados que detinham significado á escala regional: por outras palavras: o encerramento ritual de restos de grandes bóvidos encontrava-se, deste modo, estreitamente relacionado com a importância dos sítios escolhidos para o efeito, assim se explicando a falta da espécie em outros sítios coevos do norte de Portugal.

No respeitante a práticas culinárias observadas tanto no Calcolítico como na Idade do Ferro, a clara predominância de esquirolas de bovinos indicia elevado grau de transformação antrópica, no caso relacionado com a prática de cozidos, nos quais os ossos longos, previamente fracturados, permitiam que a medula se libertasse no caldo. Tal prática culinária era extensiva ao consumo de ovino-caprinos; com efeito, as marcas de intenso calor que a maioria deles exhibe, devem ser explicadas pela prática, também corrente em outros contextos pré e proto-históricos do centro interior e do norte de Portugal, de lançar os fragmentos de ossos de animais para o lume, depois de consumida a carne (ANTUNES, 1992; CARDOSO & COSTA, 2004) e não pela realização de grelhados ou churrascos; tal prática constituía, também, uma contribuição para alimentar as fogueiras, devido às matérias combustíveis contidas nos ossos. No entanto, certos ossos, com coloração uniformemente anegrada, são compatíveis com a prática de churrascos: é o caso do astrágalo de *Ovis/Capra* representado na Fig. 1, exposto directamente ao calor.

AGRADECIMENTOS

A Maria de Jesus Sanches ao ter confiado para estudo os materiais agora apresentados, bem como pelos esclarecimentos prestados sobre as respectivas condições de jazida, a cronologia e o enquadramento cultural do Crasto de Palheiros, cuja exploração arqueológica decorreu sob sua direcção.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. (1992) – Povoados do Bronze Final da Beira Baixa – Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade: elementos arqueozoológicos. *Conimbriga*, 31, Coimbra, p. 31-39.
- CARDOSO, J. L. (1996) – Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos. In ALARCÃO, J. (Coord. de), *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, p. 160-170.
- CARDOSO, J. L. & COSTA, C. (2004) – A study of the faunal assemblage from the prehistoric enclosure of Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa). *Journal of Iberian Archaeology*, 6, Porto, p. 83-92.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, p. 47-89.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. & PÉREZ ORTIZ, L. (no prelo) – Caza y domesticación en el noroeste de la Península Ibérica durante la Prehistoria. Datos arqueozoológicos.
- FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M. J. & CARDOSO, J. L. (no prelo) – Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a case study on diet and material culture, from the third to the first millennium BC.
- GOMES, M. V. *et al.* (1983) – O santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 36, Salamanca, p. 287-307.
- LOPES, T. Cunha (1986) – Análise do material ósseo da Vinha da Soutilha (Mairos) e da Pastoria (Chaves). In JORGE, S. O., *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves-Vª. Pª. de Aguiar*, Vol. 1-B, Porto: Faculdade de Letras do Porto, p. 1099-1123.
- PAÇO, A. do (1943) – Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do “castro” de Vila-Nova-de-São-Pedro. *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942)*. Actas, 8, Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 132-143.
- SANCHES, M. J. (2000/2001) – O Crasto de Palheiros (Murça): do Calcolítico à Idade do Ferro, *Portugália*, nova série, 21-22, DCTP-FLUP, Porto, p. 5-40.
- SANCHES, M. J. (2003) – Crasto de Palheiros-Murça. Reflexões sobre as condições de estudo e de interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica do Norte de Portugal. In JORGE, s.d. (Coord. de), *Recintos Murados da Pré-história Recente*, S.O. Jorge coord., Porto-Coimbra, DCTP-FLUP, p. 115-18.
- SANCHES, M. J. (2004) – Crasto de Palheiros-Murça. Considerations on the study and interpretation of a prehistoric mega-construction, *Journal of Iberian Archaeology*, 6, Porto, p. 117-145.
- VILAÇA, R. (1992) – Integração cultural dos restos faunísticos de três povoados do Bronze Final da Beira Baixa. *Conimbriga*, 31, p. 5-29.



Fig. 1 – Restos faunísticos do Crasto de Palheiros; da esquerda para a direita:

Em cima: M/3 esquerdo de *Bos taurus*, com desgaste médio, de pequeno tamanho (UET.03.46 TEM - Idade do Ferro); M/1 ou M/2 esquerdo de *Bos taurus* com desgaste médio (E/T.EN 37/40, Lx 16 - sem contexto estratigráfico); esquirola de osso longo de *Bos taurus* fracturada longitudinalmente. **Ao centro:** cabeça de fêmur de *Ovis/Capra* esquerdo (?) de pequeno tamanho (UET.03.36 PIN - Idade do Ferro); M/3 direito, incompleto, de *Sus* sp. com desgaste fraco (UET.03.2 TEL - Idade do Ferro); M/3 esquerdo, incompleto, de *Sus* sp. com desgaste fraco (EET. 98.1 - Calcolítico). **Em baixo:** astrágalo direito de *Ovis/Capra* de pequeno tamanho, totalmente incarbonizado (UET.03.32 PIN - Idade do Ferro); M/3 direito de *Ovis/Capra* com desgaste forte ((UET.98.12 - Calcolítico); M/2 esquerdo de *Ovis/Capra* com desgaste médio (Am. 9. 97 - Calcolítico). Foto J. L. Cardoso.



Fig. 2 – Restos faunísticos do Crasto de Palheiros; da esquerda para a direita:

Em cima: P\2 esquerdo de *Bos taurus* com desgaste forte; primeira falange lateral de *Sus* sp.; D\4 direito sem desgaste de *Sus scrofa*; M\1 ou M\2 esquerdo com desgaste forte de *Bos taurus*; astrágalo direito de *Bos taurus*, de pequeno tamanho, com marcas punctiformes profundas e de roedura de carnívoro, compatível com cão ou lobo (todos da UET.98.3 - Calcolítico). **Em baixo:** diáfise de rádio esquerdo de *Ovis/Capra* roída em ambas as extremidades; metade distal de húmero esquerdo de *Ovis/Capra*, do mesmo indivíduo (?) (Am. 17.97 - Calcolítico); M\3 direito de *Bos taurus* com desgaste fraco (UET.03.1 TEL - Idade do Ferro).



Fig. 3 – Restos faunísticos do Crasto de Palheiros (todos da Am. 10.97. UE - Calcolítico); da esquerda para a direita:

Em cima: M\2 esquerdo de *Bos taurus* com desgaste médio; M\3 esquerdo com desgaste fraco, do mesmo indivíduo (?). **Em baixo:** P\4 esquerdo de *Bos taurus*, com desgaste médio, do mesmo indivíduo dos exemplares anteriores (?); grande esquirola de osso longo de *Bos taurus*, escurecida pelo fogo.